

Gostaria de examinar rapidamente o que entendemos por experiência, como a cognição se desenvolve dentro dela, e o que poderíamos lucrar com uma abordagem semiótica ao invés de permanecermos presos às tradições realista e idealista.<sup>1</sup> Podemos entender a experiência como as diferenças entre o ambiente físico e os seres que reconstituem esse ambiente segundo seus interesses. A experiência existe para aqueles seres que interpretam o ambiente físico, que são por ele interrogados e a ele respondem, transformando-o e sendo por ele transformados, em uma interação dialógica e cibernética. Essa interação envolve mais fatores do que aqueles presentes no ambiente físico: emoções, ilusões e abstrações.

O organismo se encontra no centro de uma teia de relações através da qual lhe é possível conhecer a si mesmo e o ambiente que o circunda. A cognição se dá por meio de certas relações que surgem através da ação dos signos na natureza. Essa ação é a semiose, pela qual uma coisa está por outra, em uma rede de representações. Nessa rede, ou teia, semiótica, o organismo e o ambiente deixam de apenas existir e interagir ao se tornarem objetos da experiência. Esses objetos, mais as relações que os sustentam, compõem a própria experiência.

---

<sup>1</sup> Sempre que me referir à semiótica, estarei me referindo à tradição que começa com Locke e vai até Peirce. Segundo Deely (1982), Locke percebera que os fatores intraorgânicos que originam e organizam o mundo objetivo da experiência orgânica são signos. Locke desconhecia, no entanto, que, no mundo universitário ibérico, começando com as *Summulae* de Soto em 1529 e seguindo pela obra de Suarez, Pedro da Fonseca e dos conimbricenses, e no *Tractatus de signis* de Poinot, já se demonstrara como os fatores subjetivos e psicológicos da vida orgânica poderiam ser entendidos em uma perspectiva de significação. Dessa maneira, afirma Deely, o movimento semiótico que recebeu seu nome no *Essay on human understanding* de Locke, e que foi posto em prática por Peirce em seus ensaios escritos entre 1867 e 1914, poderia ter se desenvolvido a partir dos fundamentos teóricos estabelecidos pelos pioneiros ibéricos.

A tessitura da teia semiótica é intrinsecamente fluida, pois cada nova experiência implica um novo fio, uma outra relação, um desenho diferente. Essa possibilidade de alteração contínua impede que se trace uma divisão rígida e permanente entre o que depende e o que independe da cognição; entre o que existe apenas enquanto produto da cognição e o que existe por si mesmo, independentemente do organismo. Na experiência, os elementos experimentados possuem o mesmo *status* ontológico, a despeito de sua origem ser algo existente na natureza ou o próprio organismo cognoscitivo.

Adoto aqui uma versão semiótica do uso escolástico de *esse subjectivum* e *esse objectivum*. Coisa, para Peirce e os escolásticos antes dele, é tudo aquilo que está lá para a mente encontrar. Quando uma coisa é conhecida, ela se torna um objeto. Objeto é aquilo no qual a atividade da mente termina; aquilo para o qual toda operação mental se dirige.

Para que a experiência exista, o organismo deve ser capaz de reconstituir o ambiente físico através de associações objetivas que podem não existir fora dessa reconstituição. O organismo superpõe à sua circunvizinhança uma "interpretação" que ele faz dela, um sistema que lhe permita modelar o mundo físico às suas necessidades biológicas enquanto membro de uma espécie. Para os animais da espécie *Homo sapiens*, essa modelagem vai além do atendimento das necessidades vitais para criar construtos sofisticados como linguagem e cultura.

Jakob von Uexküll (1957) foi quem melhor elaborou (para os propósitos da semiótica) a noção essencialmente biológica de experiência como um construto comum a todas as formas de vida animal. Ele chamou esse construto, que corresponde à noção de mundo objetivo (em contraste com o ambiente físico), de *Umwelt*. Em 1968, Thomas A. Sebeok (1972: 160) mostrou como esse conceito é apropriado para elaborar a noção semiótica de que a experiência pode ser vista como um sistema modelador.

Cada ser vivo interage com o ambiente físico que o cerca de maneira determinada biologicamente – para o organismo como membro de uma espécie – e individualmente – para o organismo enquanto único, com necessidades particulares. Dessa interação resulta um mundo objetivo próprio do organismo. Segundo J. v. Uexküll, os estímulos aparecem no *Umwelt* como sensações elementares às quais correspondem ações elementares. A cada grupo de estímulos externos que atingem o sujeito em forma de perguntas, corresponde um grupo de ações que são as respostas do sujeito ao mundo. Para J. v. Uexküll, o sujeito organiza as percepções projetando-as de modo a conceber o ambiente físico como significativo para si.

Embora atraente a princípio, essa explicação da relação sujeito–objeto está longe de ser satisfatória e parece conter uma perversão das leis naturais de adaptação. Pelo que se depreende da leitura de J. v. Uexküll, tal relação nega ao objeto qualquer existência física independente: ele só existiria enquanto objeto da percepção de um organismo. Tal concepção idealista de que o mundo externo é criado pela mente se choca com o realismo filosófico, que afirma a existência de objetos físicos, quer eles sejam percebidos ou não.

Trabalhos recentes sobre a operação cognitiva do cérebro rejeitam a concepção de que o sistema nervoso opera seletivamente, isto é, selecionando aspectos específicos da realidade por meio de órgãos adaptados para este fim. Hoje em dia, prevalece a tese de que a cognição subordina-se primeiro à atividade do cérebro como um todo, e então à atividade do organismo como um todo.<sup>2</sup> O sistema nervoso apenas seleciona quando está operando seletivamente. Uma vez que ele é capaz de apreender um estímulo, ele apreenderá todos os estímulos dentro do seu alcance. Isso é sensação. Em um segundo momento ele seleciona –

---

<sup>2</sup> Vaz (1987: 18) comentando Maturana & Varela (1980, 1987).

interpreta seletivamente – os elementos de acordo com a constituição do organismo. Isso é percepção.

O que esta tese sobre o funcionamento neurofisiológico nos mostra é que as sensações primárias podem ter uma natureza que não seja totalmente explicada nem pela tradição filosófica realista, nem pela tradição filosófica idealista. As sensações não residem necessariamente nas coisas físicas, como propriedades intrínsecas, nem são apenas modificações em nossos cérebros, provocadas por nossos órgãos sensórios. Deely (1982: 115) diria que elas podem ser consideradas propriedades que demonstram como as coisas se apresentam, em sua ação, em um dado momento, a um organismo dotado de um certo grau de sensibilidade. Essa explicação tem o mérito de, ao abarcar o idealismo e o realismo, transcendê-los.

Enquanto o realismo filosófico se preocupa apenas com estruturas de existência independentes da cognição, o idealismo filosófico se preocupa com o papel dos construtos mentais na experiência. Ao contrário dessas tradições, a semiótica se concentra na ação dos signos, e fornece um modo de demonstrar como essas duas linhas teóricas podem se entrelaçar para dar origem a uma compreensão coerente da tessitura da experiência.

O ponto de vista semiótico revela que os elementos interpretadores subjetivos pelos quais o organismo cognoscitivo projeta e organiza seu *Umwelt* já são, eles próprios, signos. Os signos são fundamentos – o elemento representativo – sobre os quais as relações objetivas se baseiam e dos quais elas resultam. Tais relações entrelaçam as coisas experimentadas e os organismos experimentadores em um todo único, além do que foi dado no ambiente antes da experiência e independentemente dela.

Os estímulos provenientes do objeto e a estimulação da mente conhecedora necessariamente envolvem mudanças produtivas no nível da interação física, ou “secundidade”

na terminologia de Peirce. Para o signo, é crucial estabelecer um fator de representação que é apenas incidental às mudanças produtivas diretamente envolvidas. Esse estabelecimento incidental de uma representação fornece a oportunidade para o terceiro momento de uma relação objetiva que une o signo ao objeto além da interação física e que constitui uma terceira instância com respeito às subjetividades das quais ela emerge e das quais ela depende constantemente.

Esse fator representativo não constitui o signo, mas apenas a oportunidade – o fundamento ou base – para a significação. O signo – a instância de significação – requer algo mais. Ele requer que o resultado da relação para o objeto representado seja a representação de algo para um organismo cognoscitivo. É dessa maneira que a idéia na mente – um fator e uma representação subjetivos – não é um signo formalmente, mas apenas fundamentalmente. Formalmente, o signo consiste na relação dessa idéia com o seu objeto. O objeto se distingue pelo menos modalmente de sua idéia, e a relação sígnica se distingue tanto do objeto que é significado quanto da idéia que significa.

A semiótica, dessa maneira, reconhece experiência e idéia como necessariamente diferentes, e, ao mesmo tempo, as reúne dentro da noção de signo. Exatamente porque a semiótica é capaz de tanto é que ela pode fornecer respostas para o debate entre realismo e idealismo que desde sempre assombra e atravanca o desenvolvimento dos estudos cognitivos.

## Bibliografia

- 1 DEELY, John N. *Introducing semiotic: its history and doctrine*. Bloomington: Indiana Univ. Press, 1982.
- 2 LOCKE, John. *An essay concerning human understanding*. Collated and annotated with prolegomena, biographical, critical and historical notes by Alexander C. Fraser. New York: Dover, 1959. 2 v. [1690]
- 3 MATURANA, Humberto R. & VARELA, Francisco J. *Autopoiesis and cognition*. Dordrecht, Holland: D. Reidel, 1980.
- 4 \_\_\_\_\_. *The tree of knowledge*. New York: Random, 1987.
- 5 PEIRCE, Charles Sanders. *Collected papers*. Ed. by Charles Hartshorne, Paul Weiss, and Arthur W. Burks. Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard Univ. Press, 1931-1935, 1958.
- 6 SEBEOK, Thomas E. *Perspectives in zoosemiotics*. The Hague: Mouton, 1972.
- 7 UEXKÜLL, Jakob von. A stroll through the worlds of animals and men . In: Schille, Claire H. (Ed.). *Instinctive behavior; the development of a modern concept*. New York: International Universities Press, 1957. p. 5-80.
- 8 VAZ, Néilson. *Um novo paradigma nas ciências humanas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1987.